

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VICTOR EMANUEL GONÇALVES PEREIRA

MASCULINIDADES NA MÚSICA POP BRASILEIRA:
CHAMELEO E A ECDISE MASCULINA

CURITIBA

2023

VICTOR EMANUEL GONÇALVES PEREIRA

MASCULINIDADES NA MÚSICA POP BRASILEIRA:
CHAMELEO E A ECDISE MASCULINA

Artigo apresentado como requisito parcial à conclusão do
curso de Publicidade e Propaganda do Setor de Artes,
Comunicação e Design da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Marcelo Garson Braule Pinto

CURITIBA

2023

MASCULINIDADES NA MÚSICA POP BRASILEIRA: CHAMELEO E A ECDISE MASCULINA

Victor Emanuel Gonçalves Pereira

RESUMO

Este estudo propõe uma discussão acerca das representações de masculinidades hegemônicas frequentemente promovidas pela cena da música pop brasileira, perpetuando um modelo de masculinidade que prejudica a saúde mental e física dos homens, assim como oprime corpos dissidentes. Aborda-se centralmente o cantor curitibano Chameleo, considerado um dos próximos nomes da música indie pop nacional cuja obra *Ecdise* permite vislumbrar novas configurações de masculinidade. Para isso, serão analisadas suas letras, videoclipes e performances de modo a compreender suas representações e discursos subjacentes.

Palavras-chave: Música Pop Brasileira, Chameleo, Masculinidades, Identidade e Gênero.

ABSTRACT

This study proposes a discussion about the representations of hegemonic masculinities often promoted by the Brazilian pop music scene, perpetuating a model of masculinity that harms the mental and physical health of men, as well as oppresses dissident bodies. It is centrally approached the Curitiba singer Chameleo, considered one of the next names of national indie pop music whose work *Ecdise* allows us to glimpse new configurations of masculinity. For this, their lyrics, music videos and performances will be analyzed in order to understand their underlying representations and discourses.

Keywords: Brazilian Pop Music, Chameleo, Masculinities, Identity and Gender.

INTRODUÇÃO

"Homens não podem se emocionar", "homens não se vestem assim", "homens não podem cuidar da beleza", ou até mesmo, "homens não pintam as unhas". Mas afinal, qual é o verdadeiro significado de ser homem? Desde a infância, meninos aprendem que para serem homens devem ser fortes, duros, viris, e congruentes com os estereótipos de gênero que estabelecem uma série de regras e comportamentos, em relação a masculinidade. Essas regras buscam encaixar-nos em papéis pré-definidos pela sociedade, fato que influencia diretamente nossa identidade, maneira de agir e principalmente a performance da masculinidade.

Um estudo realizado em 2019 pela Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) destaca que um em cada cinco homens morrem antes dos 50 anos, devido a doenças cardíacas, acidentes de trânsito e violência, todas complicações provindas de comportamentos machistas reforçados socialmente (OPAS, 2019). Ainda, segundo um relatório do Ministério da Saúde, os homens apresentaram uma taxa de mortalidade por suicídio de 10,7 por 100 mil em 2019, um risco 3,8 vezes maior quando comparado com as mulheres (SAÚDE, 2021). Isso nos mostra como a masculinidade hegemônica tem associação direta à piora do status de saúde mental e física dos homens.

Ao problematizar tais imposições, oriundas do sistema misógino, nos deparamos com uma visão convencional da masculinidade que frequentemente realça atributos como a força física, a supressão de emoções, a competitividade e uma postura dominante em relação aos outros, que juntas acabam promovendo uma visão restritiva da masculinidade, identificada como masculinidade hegemônica ou popularmente, chamada de "masculinidade tóxica" (MESSERSCHMIDT, CONNELL, 2013). Esses padrões têm um impacto significativo ao moldar a maneira como os homens desenvolvem sua performance de gênero, aprisionando e restringindo as diversas expressões de gênero que um indivíduo pode manifestar (BUTLER, 2003).

Questionar tais normas é crucial para avançarmos em direção a uma sociedade mais inclusiva e diversa, que abrange uma ampla variedade de representações de masculinidade. Dentro deste contexto, vale ressaltar o papel significativo que produtos culturais como o cinema, a música, a televisão e a publicidade desempenham no sentido de colaborar para a reprodução ou contestação de determinados padrões relacionados à masculinidade.

Diante deste cenário, a presente pesquisa tem como objetivo principal aprofundar a compreensão das representações de masculinidades, especialmente as subalternas, presentes na música pop brasileira, com foco específico na obra *Ecdise* do cantor curitibano Chameleo. Por meio da análise de letras, videocliques e performances do artista, busca-se analisar como Chameleo viabiliza a articulação e representação de novas configurações de masculinidade.

1. A MASCULINIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

Ao longo das últimas décadas, os estudos acerca da masculinidade emergiram como uma disciplina que busca compreender as construções culturais e sociais da identidade masculina. Essa abordagem surge em resposta à necessidade de desvelar as complexas interações entre gênero, poder e identidade, que historicamente receberam uma atenção desproporcional em relação às experiências femininas. Diante deste contexto, pesquisadores têm se voltado para a investigação das representações, performances e significados atribuídos à masculinidade, bem como às formas pelas quais essas construções afetam a vida dos homens e as relações de poder nas sociedades contemporâneas (MESSERSCHMIDT, CONNELL, 2013).

No cerne desses estudos, destaca-se o trabalho da socióloga Raewyn Connell (2003), cujo conceito de "masculinidade hegemônica", refere-se a masculinidade padrão considerada normal - branca, heterossexual, dominante - e compreendida como um conjunto de práticas socialmente construídas que possibilitam um padrão dominante dos homens sobre as mulheres em uma determinada cultura ou sociedade. Essas práticas se referem a heterossexualidade normativa, a aversão ao feminino, a supressão emocional, e a competição, dominação e controle nas relações interpessoais. Qualquer desvio dessas expectativas, provoca a categorização dos indivíduos como "menos homens" ou "mais afeminados", uma concepção que acaba por impor uma série de preconceitos, muitas vezes associados à orientação homossexual.

Este modelo hegemônico, não apenas reforça essa concepção tradicional de masculinidade, mas também serve como referência cultural e social a partir da qual outras formas de masculinidade são comparadas, muitas vezes sendo consideradas inferiores ou não conformes. Para isso, Connell articula a noção de "masculinidades subalternas ou marginalizadas", uma categoria que reconhece a diversidade das experiências masculinas que desafiam ou fogem da concepção de masculinidade

hegemônica. Essas variações são moldadas por fatores como classe social, raça, orientação sexual e por diferentes contextos sociais, culturais e políticos (MESSERSCHMIDT, CONNELL, 2013, p. 245).

Ainda que a concepção de masculinidade hegemônica esteja fundamentada em uma abordagem dicotômica, fundada na oposição entre masculino e feminino, que pode, por vezes, essencializar o gênero, neste estudo sua relevância se desvela ao enriquecer nossa compreensão sobre as diversas facetas do "ser homem". Isso ocorre especialmente ao categorizar as manifestações subalternas de masculinidades em relação ao padrão dominante, dado o valor das interpretações que essa abordagem oferece sobre o contexto histórico em análise. Em outras palavras, Connell revela a complexidade das experiências masculinas e as diferentes configurações da identidade masculina. É no esforço de estudar as várias possibilidades de se pensar as masculinidades e os homens que este artigo se insere.

Outra perspectiva relevante para a discussão, vem dos estudos de gênero de Judith Butler (2003), cujo trabalho na teoria queer e performatividade de gênero também contribui para os estudos de masculinidade. Butler se refere à performatividade como uma repetição estilizada de ações, gestos e comportamentos que são enquadradas por meio de discursos e da linguagem, e têm o poder de formar e regular não apenas a sexualidade, mas também as conformações de gênero e sexo, com base em padrões considerados normativos (BUTLER, 2003).

Assim, Butler argumenta que a identidade de gênero não é inata, mas sim uma performance socialmente construída. Isso implica que a masculinidade, assim como a feminilidade, é uma performance repetida e internalizada que reforça as normas sociais. Com esse entendimento, a masculinidade é vista como uma expressão cultural e performativa, moldada por contextos históricos e sociais. Assim, a concepção de performatividade de gênero revela-se particularmente proveitosa, uma vez que viabiliza a compreensão das variadas manifestações de masculinidades na música pop.

Na contemporaneidade, a masculinidade emerge como um construto social complexo, frequentemente abordado como um paradigma passível de desconstrução. Essa abordagem se deve aos recorrentes debates acerca da desigualdade de gênero e das relações de poder subjacentes entre homens e mulheres. Nesses debates, surgem questionamentos sobre a validade e pertinência dos padrões historicamente associados à masculinidade, bem como a urgente necessidade de repensar e reavaliar a configuração e interpretação dos papéis de gênero. Essa discussão ganha ainda mais

força com a colaboração de movimentos feministas e grupos LGBTQIAPN+ que lutam por uma abordagem mais inclusiva e sensível às questões de gênero e sexualidade, desencadeando debates sobre a urgência de novas masculinidades (BRANDLAB, 2018).

Falar em novas masculinidades é abraçar, aceitar e acolher todas as formas e expressões de masculinidade que divergem dos padrões hegemônicos e opressores. Esse contexto social não apenas reconhece a complexidade da identidade masculina e sua diversidade de experiências, como também promove uma visão mais saudável, flexível e inclusiva do que significa "ser homem" nos tempos modernos.

2. CULTURA, MÚSICA POP E IDENTIDADE, GÊNERO

Antes de compreendermos a relação entre cultura, música pop e identidade, é necessário retornarmos aos estudos de Judith Butler para entendermos a estruturação dos gêneros e as razões por trás de suas divisões. Nesse sentido, a autora contesta a concepção de que a biologia determina o gênero: mesmo que o gênero seja atribuído culturalmente com base no corpo sexuado, não podemos presumir ele seja uma extensão direta do sexo e assim fixo. O gênero pode ser interpretado de várias maneiras frente ao sexo, o que sugere uma descontinuidade entre o corpo que se supõe biologicamente definido e o gênero construído culturalmente (BUTLER, 2003, p. 24). Sob essa perspectiva, a autora rejeita a ideia de que a identidade masculina está restrita a corpos com pênis e a identidade feminina a corpos com vagina. Ao dissociar o gênero do sexo, ela propõe a concepção de gênero como intrinsecamente indeterminado, podendo existir em corpos com qualquer órgão sexual.

Outro ponto relevante destacado por Butler é que o gênero "também é o meio discursivo cultural pelo qual a natureza sexuada ou um sexo natural é produzido e estabelecido como "pré-discursivo", anterior à cultura" (BUTLER, 2003, p. 25). Dessa forma, Butler enfatiza que a construção de gênero está sempre subjugado às normas do discurso cultural dominante, fundamentada em termos binários, que se apresentam como a linguagem universal "correta", ou seja, legitimada socialmente (BUTLER, 2003, p. 28). Isso implica que cada corpo é interpretado através de significados culturais desde a infância, resultando em uma definição da identidade de gênero baseada em modelos de representações normalizados pelo patriarcado. A maneira pela qual os indivíduos se

representam tanto para si mesmos, quanto para o mundo externo, está diretamente ligada à sua identidade, articulada por meio da cultura (HALL, 2016).

Adentrando os estudos culturais, Stuart Hall (2016) compreende a cultura como um repositório de significados e valores, um espaço de criação, prática e troca simbólica, que constrói discursivamente o mundo social. Assim, ao compreender a cultura a partir da noção de compartilhamento de significados, dá primazia à análise das representações, entendida como uma das práticas centrais que produzem a cultura. Para Hall, a representação não é simplesmente um espelho da realidade, mas sim um processo ativo de produção e compartilhamento de significados através da linguagem. Dessa forma, a representação desempenha um papel fundamental na formação de nossa compreensão do mundo e construção identitária.

É através do que dizemos, pensamos e sentimos, como representamos o mundo ao nosso redor, que constituímos os significados do mundo social. Dessa maneira, em parte damos significados aos objetos, pessoas e eventos por meio de sistemas de interpretação que permeiam nosso universo cultural. E, em parte, constituímos o significado através da forma como os utilizamos ou integramos em nossas práticas cotidianas (HALL, 2016, p. 21). Sob essa perspectiva, os significados só podem ser compartilhados pelo acesso comum à linguagem, ou seja, uma vez que “dois indivíduos pertencem a mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro”(HALL, 2016, p. 20).

Outro ponto importante para a discussão é sobre o “sentido”, é a partir dele que expressamos nosso senso de pertencimento e identidade. Dessa forma, o sentido se relaciona com questões que envolvem como a cultura é utilizada para limitar ou preservar a identidade de grupos sociais e as distinções entre diferentes grupos. Logo, o sentido é uma construção constante, sendo elaborado e partilhado em todos os níveis das interações pessoais e sociais, uma vez que molda como percebemos e nos relacionamos com o mundo que nos cerca (HALL, 2016, p. 22). Nesse contexto, as representações culturais de masculinidade, ou os “sentidos” do que é ser masculino, são construídas através de narrativas, imagens e discursos que moldam nossa compreensão social acerca de um modelo de masculinidade hegemônica.

Com o avanço tecnológico e a globalização, novas formas de pensar, viver e interagir passaram a fazer parte do nosso cotidiano. Os meios de produção, circulação e troca cultural expandiram-se significativamente, evidenciando a centralidade dos

produtos midiáticos na contemporaneidade. Nesse sentido, a mídia tem desempenhado um papel crucial na construção e circulação de significados relacionados às representações identitárias ao abordarem a questão da diferença, utilizando-se, muitas vezes, de estereótipos para representar de maneira simplificada um grupo. Para Hall (2016), os estereótipos tendem a reduzir indivíduos a algumas características rígidas e imutáveis que supostamente fariam parte da natureza do grupo social a que estão ligados. Assim, as minorias étnicas são frequentemente estereotipadas de maneira negativa ou pejorativa através de discursos midiáticos, o que revela uma balança de poder desigual em que grupos hegemônicos detêm o controle das representações dominantes.

Como produto cultural, a música pop não apenas é uma manifestação artística que reflete as características, valores e tendências de uma sociedade dentro de um determinado contexto, mas também um fenômeno cultural que influencia e é influenciado pelas dinâmicas sociais, econômicas e políticas que o rodeiam. É muitas vezes por meio de plataformas de mídia e entretenimento, que a música pop é disseminada massivamente se tornando um produto de consumo cultural acessível a um grande público. Assim, ela desempenha um papel crucial na formação de identidades culturais, na criação de ícones e na construção de narrativas que permeiam a cultura popular (HALL, 2016).

Desta maneira, Hall compreende que a identidade não é algo fixo e predefinido, mas sim como um processo dinâmico regularmente influenciados por representações na mídia, mensagens culturais, discursos sociais e relações de poder que estão em constante mudança, o que sugere uma complexidade e diversidade da identidade humana. Isso destaca que a identidade é fluida, negociada e transformada ao longo do tempo. Além disso, Hall (2002) introduz o conceito de sujeito dividido ou descentrado, sugerindo que não há uma única e coesa identidade, mas sim múltiplas identidades que coexistem e entram em jogo em diferentes contextos sociais e culturais, argumentando contra visões essencialistas que buscam reduzir a identidade a categorias fixas, como raça ou gênero.

3. PERFORMANDO A MASCULINIDADE

De grandes hits internacionais e nacionais, independentemente do gênero musical, a presença de músicas que reforçam estereótipos tradicionais de

masculinidade na cena da música pop levanta uma questão sobre sua influência na construção das identidades masculinas. Historicamente, a música popular tem sido não somente um reflexo mas também um agente influente na definição dos padrões de masculinidade na sociedade contemporânea. Nesse contexto, os artistas desempenham um papel significativo, frequentemente promovendo, reforçando ou desafiando estereótipos da masculinidade hegemônica por meio de suas letras, produções visuais ou comportamentos que põem em foco características como força, dominação e promiscuidade.

Algumas canções em que podemos evidenciar a manifestação da masculinidade hegemônica, são: *Esse cara sou eu* de Roberto Carlos (2012), *Mulheres vulgares* de Racionais MCs (1993), *Run for your life* de The Beatles (1965), *Blurred Lines* de Robin Thicke ft. Pharrell Williams (2013), *Animals* de Maroon 5 (2014), *Hotline Bling* de Drake (2015), *Love the way you lie* de Eminem ft. Rihanna (2010). Em todas elas há versos que consolidam a imagem de um "homem duro e bruto" que exerce controle, dominação e poder sobre a mulher. Para além das letras musicais, a narrativa construída em volta dos videocliques, acaba por reafirmar a masculinidade hegemônica através de cenas de luta, competição, demonstração de poder, objetificação da mulher e conquista romântica.

No cenário latino, podemos observar outras características presentes nos ritmos do reggaeton, funk, brega funk, samba e sertanejo, onde as canções regularmente retratam a ideia de que os homens devem ser sexualmente ativos, fortes e insensíveis. Alguns exemplos são: *Só surubinha de leve* de Mc Diguinho (2018), *Carrada de puta* de Wesley Safadão (2013), *Vou abusar, Toma pica tranquilinha* de Mc Livinho (2017), *Wiggle* de Jason Derulo ft. Snoop Dogg (2014), *Talk Dirty* de Jason Derulo ft. 2 Chainz (2014).

Em suas letras e videocliques, esses homens são retratados com uma vida de ostentação, permeada de festas, nas quais buscam encontrar parceiras, transformando-as em objetos de prazer. Este perfil de homem é socialmente rotulado como "pegador", um termo que reflete a conformidade com as normas heteronormativas, marcadas por padrões machistas, convencionais e preconceituosos. A perpetuação/disseminação dessa ideologia acaba por influenciar a formação de expectativas inatingíveis de um padrão de masculinidade, como também de relacionamentos interpessoais, normalizando comportamentos prejudiciais às mulheres e a outras identidades de gênero.

A predominância de representações hegemônicas na música pop, revela a centralização desse modo discursivo e institucional no âmbito sociocultural (MESSERSCHMIDT, CONNELL, 2013), manifestadas regularmente de maneira implícita e explícita nas músicas, onde o homem é colocado como protagonista principal. É importante destacar que esses estereótipos não se aplicam a todos os artistas, uma vez que existe uma ampla diversidade de abordagens e mensagens dentro de cada obra. Contudo, a retratação desses comportamentos em obras amplamente distribuídas no cenário mainstream, acabam por promover e disseminar esse modelo de comportamento. O ponto principal que queremos levantar nessa discussão é sobre a carência de representações subalternas de masculinidade ao pop mainstream, o que indica uma marginalização acerca dessas representações ao modelo heteronormativo.

Para Cardoso Filho e Janotti Jr (2006), o contexto mainstream e underground¹ sugere diferentes modos de valoração à música. Nesse sentido, o acesso de artistas dissidentes ao mainstream desempenha um papel fundamental na subversão das normas de masculinidade estabelecidas ao longo dos anos nas paradas de sucesso, exercendo uma influência direta sobre as representações de masculinidade consumidas globalmente em termos musicais e culturais.

Se por um lado temos homens que tentam a todo custo se distanciar de trejeitos e modos de se expressar considerados femininos, segundo as normas hegemônicas, do outro lado, com a globalização e ascensão da internet, alguns homens estão se permitindo questionar tais normas. Um fenômeno global que exemplifica isso é o K-pop², cuja estética apresenta uma "expressão de gênero mais fluida", incorporando elementos de moda, maquiagem e estilos de cabelo aos grupos masculinos, desafiando diretamente as "normas hegemônicas ocidentais", o que tem permitido ao público explorar sua identidade de gênero de maneiras não convencionais (MAJUMDAR, 2020).

Adentrando mais alguns exemplos internacionais notáveis sobre novas masculinidades, podemos mencionar o cantor britânico Harry Styles, Elton John, David Bowie, Pharrell Williams, Lil Nas X, Jaden Smith, Billy Porter, Jared Leto, Troye Sivan, Jackson Wang, dentre outros. Nesse contexto, não poderia deixar de mencionar a importância e relevância de artistas queer nesse movimento, que sempre incorporaram

¹ Mainstream refere-se a obras mais populares e comercialmente viáveis, influenciadas por obras já conceituadas para assegurar um sucesso comercial, visando corresponder ao grande mercado cultural. Underground refere-se às produções que se afastam das normas do mainstream, sendo considerado pelos fãs como produções mais autênticas por possuir um repertório mais delimitado e nichado.

² Gênero musical e cultural originário da Coreia do Sul que ganhou uma imensa popularidade global dada sua estética e performance.

em seus trabalhos as questões de gênero e sexualidade como: Ney Matogrosso, Gilberto Gil, Cazuza, Johnny Hooker, Gloria Groove, Jão e Quebrada Queer. Suas performances possibilitaram espaços de circulação para diversas expressões de corpos e comportamentos existirem, propiciando desestabilizações e rupturas aos padrões convencionais da sociedade.

Como exemplo destacado, podemos citar a cantora, compositora e *drag queen*³ maranhense Pablio Vittar, cuja atuação incorpora uma série de elementos femininos (tais como maquiagem, peruca, roupas, sensualidade) evocando uma performance feminina em um corpo masculino, o que a aproxima do padrão hegemônico de feminilidade associado as divas pop. A visibilidade nacional de Vittar, enfatiza o aspecto político de suas performances, ocupando os palcos do país que mais mata LGBT's no mundo (GANDRA, 2023), contribuindo para o reconhecimento da luta queer.

Os exemplos aqui abordados demonstram como a música pop pode ser uma plataforma para artistas que questionam, subvertem e redefinem os conceitos de masculinidade, inspirando uma nova compreensão acerca das configurações de masculinidade e da diversidade de experiências masculinas, contribuindo para um diálogo mais amplo e inclusivo sobre identidade e gênero. Além disso, há outros elementos que desempenham um papel significativo na formação e perpetuação dessas normas, incluindo a imagem e a estética do artista (evidenciada pela moda e figurino), seu comportamento (publicamente, em redes sociais e performances), a publicidade (quais marcas ou produtos a imagem desse artista está atrelada), bem como as reações do público e da crítica ao artista (um fator que pode encorajá-lo a perpetuar caso seja celebrado ou recompensado tal comportamento).

4. CHAMELEO E SUA METAMORFOSE POP

Diante de um cenário de transformações nos papéis sociais de gênero e em contraposição à cultura hegemônica predominante na cena mainstream do pop, Leonardo Augusto Fabbri ou mais conhecido artisticamente como Chameleo, é um cantor e compositor independente de 30 anos, nascido em Curitiba e considerado uma das grandes apostas do pop indie nacional dado o seu crescimento nos últimos tempos

³ Refere-se a arte de se produzir com elementos femininos, incluindo roupas extravagantes e maquiagens expressivas, geralmente feitas por homens, como parte de uma performance artística ou entretenimento.

(TAVARES, 2020). Em suas redes, Chameleo possui mais de 67,5 mil seguidores em sua conta no Instagram, mais de 11 milhões de visualizações em seu canal do YouTube e aproximadamente 160 mil ouvintes mensais no Spotify (CHAMELEO, 05/2023).

Seu nome artístico "Chameleo" (Ka-mi-leo) é uma alusão à palavra camaleão em inglês, um animal associado a conceitos como transformação, flexibilidade, adaptação e mudança. Há também uma referência ao seu nome pessoal: Leo. Essas características não apenas norteiam a escolha do nome, mas também manifestam a proposta do artista, culminando em uma metamorfose contínua que abrange suas identidades musicais, visuais e performáticas (TAVARES, 2020).

A trajetória de Leo teve início na infância, quando aos 7 anos, ingressou em um curso de teatro. Nessa ocasião, precisou aprender a tocar guitarra para fazer uma peça chamada *Escola de Rock*, assim despertou uma crescente paixão pela música. Com o passar dos anos, teve o desafio de persuadir seus pais a considerarem a música como uma carreira viável, o que representou uma tarefa complexa, considerando a formação tradicional da família. Em 2017, mudou-se para os Estados Unidos, onde estudou Produção Musical na Universidade da Califórnia, situada em Los Angeles. Essa mudança marcou o início de uma fase transformadora em sua vida (TAVARES, 2020).

Viver em território estadunidense enriqueceu seu conhecimento tanto em música como em moda e fotografia, elementos que contribuíram para a sua bagagem artística, culminando no desenvolvimento de sua primeira obra musical, intitulada *Better Land*. Em 2019, o artista lançou seu primeiro EP, denominado *utopiaTABOO*, composto por oito faixas. O trabalho abordou a fragilidade humana, explorando nuances sombrias e melancólicas, revelando seu alter ego indie (BARBIRATO, 2020).

Durante a pandemia, Leo enfrentou uma fase delicada, sendo diagnosticado com um câncer agressivo no pulmão. Essa etapa representou um período de profundo aprendizado, resiliência e superação, que o conduziu a uma nova fase da sua jornada. Após a recuperação, direcionou um maior investimento em sua arte, levando-o a mudar-se para São Paulo. A mudança de cenário permitiu que o artista buscasse reimaginar-se diante do universo pop (GODINHO, 2021).

Em suma, a trajetória de Leo é uma história de resiliência e renovação, que se desenrola desde os desafios enfrentados durante o seu tratamento até sua metamorfose artística no cenário pop. Essa transformação não apenas influenciou/impactou sua identidade pessoal, mas também reverberou em sua expressão artística, encontrando

seu auge no desenvolvimento do seu álbum de estreia intitulado *ECDISE*, obra ao qual este artigo se dedica analisar.

5. A ECDISE DE CORPOS MASCULINOS: DESCONSTRUINDO O PADRÃO DA MASCULINIDADE

Lançado em 21 de Outubro de 2021, *ECDISE* é composto por 13 faixas, sendo duas interludes e seis colaborações com artistas que Chameleo sempre se inspirou como Number Teddie, Carol Biazin, Pablo Vittar, Johnny Hooker, Alice Caymmi e Konai, a maioria dos quais fazem parte da comunidade LGBTQIAPN+. Além disso, o álbum destaca-se por evitar algumas abordagens comuns no cenário mainstream do pop, como a aderência a uma única estética sonora ao longo de toda a obra. *ECDISE* apresenta uma diversidade de estilos, incorporando referências que abrangem funk, pop latino, rock, k-pop e até elementos da MPB (COSTA, 2021), evidenciando a busca de Chameleo por explorar e experimentar sonoramente a produção deste álbum conceitual.

A presente análise restringe-se a determinadas faixas do álbum, excluindo aquelas que não se alinham com a abordagem proposta. Importante ressaltar também que a interpretação de uma produção midiática é suscetível a diversas análises, cada uma embasada em perspectivas distintas. Tal flexibilidade demonstra a complexidade inerente à apreciação de obras culturais e evidencia a natureza interpretativa do processo analítico.

ECDISE se inicia com a faixa "*elemefezassim*", com a participação da artista *Number Teddie*, cuja letra aborda uma intensa luta interna relacionada à autoaceitação. Nesse contexto, os primeiros versos "Queria te dar esse suporte; Mas não tá tendo nem pra mim; Aprendi a encarar, preciso focar; Primeiro aqui, depois aí", já demonstram que Chameleo gostaria de ajudar os outros, mas está lutando para se manter de pé frente aos desafios emocionais e às adversidades da vida. Em seguida, o artista questiona a si mesmo com a frase "Porque ele me fez assim", sugerindo uma indagação/reflexão sobre a própria identidade e as razões por trás das coisas que está enfrentando. Dessa maneira, Chameleo busca expressar confusão, desespero e, sobretudo, o questionamento sobre o sentido da vida e da própria existência.

Com relação a sonoridade, a faixa começa com uma ambientação que evoca um clima de questionamento e reflexão, que se amplia até o refrão, onde podemos identificar a repetição constante da frase "Porque ele me fez assim?", fato que

demonstra a vulnerabilidade emocional em que Chameleo se encontra. Nesse momento, é possível ouvir uma sirene soando, anunciando esse sentimento angustiado e o colapso mental que ele está provocando. No entanto, muitas vezes, a expressão desses sentimentos são desencorajados em relação à masculinidade hegemônica, que enfatiza a ideia de que um homem deve ser emocionalmente forte e não demonstrar fraquezas, reforçando o estereótipo sobre o que significa ser homem (MESSERSCHMIDT, CONNELL, 2013). Dentro da "nova masculinidade", tais traços são ressignificados, promovendo e encorajando os homens a se expressarem emocionalmente.

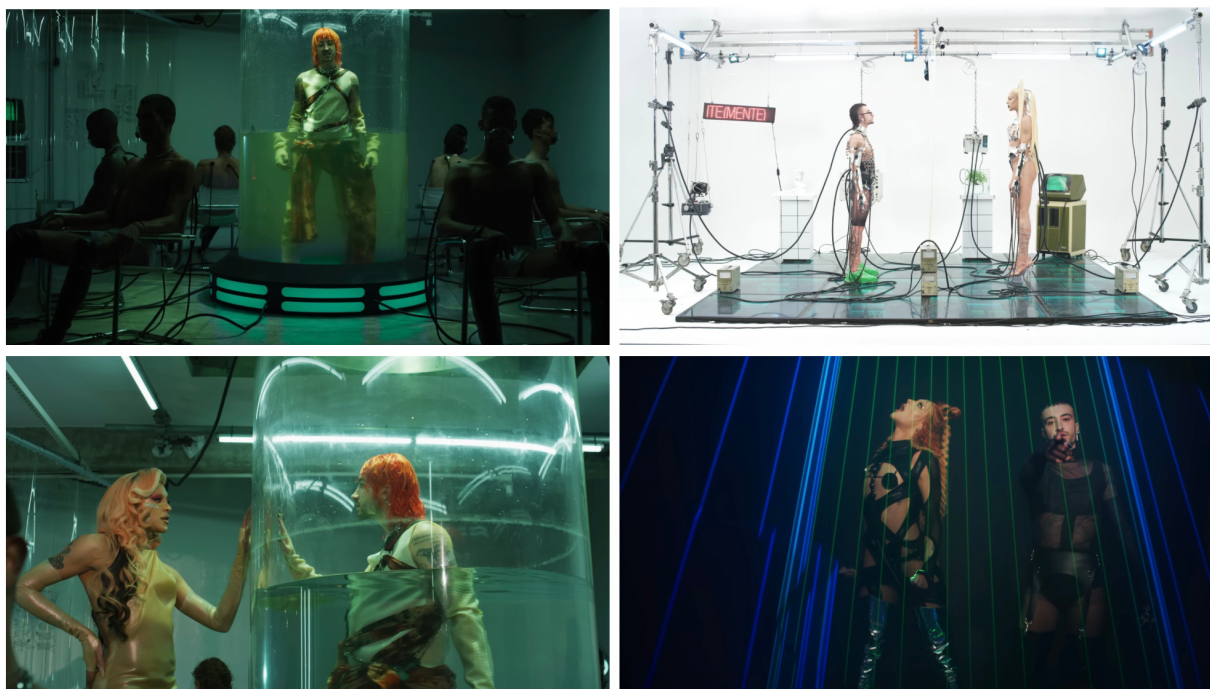
"Frequente(mente)" é a faixa de maior destaque no álbum, dispondo um videoclipe que ultrapassa 6 milhões de visualizações no Youtube, contendo a participação de Pablio Vittar. A letra inicialmente trata de alguém que está em um relacionamento envolto de mentiras e manipulações. No entanto, podemos supor também que Chameleo está se referindo a si mesmo, fazendo uma auto reflexão. Isso se torna evidente ao considerarmos o contexto da última canção, onde o artista enfrenta um período complexo repleto de lutas internas e questionamentos sobre sua própria identidade. Dessa maneira, a música pode ser interpretada como uma reflexão sobre o quanto nós, enquanto indivíduos, muitas vezes mentimos para nós mesmos em diversas situações, ou até mesmo nos autossabotamos.

O videoclipe inicia-se com uma cena dentro de um laboratório, na qual Chameleo se encontra imerso em um tubo de água e ao seu entorno, podemos observar um grupo de homens conectados a cabos, simbolizando a conexão dos indivíduos com um sistema que os mantém subjugados. Esses homens estão vendados com lentes de contato brancas, remetendo à manipulação que o sistema exerce sobre eles. Chameleo se destaca em relação a esses indivíduos padronizados, remetendo-o à diferença frente aos estereótipos de masculinidade predominantes na sociedade. Esses estereótipos por vezes são limitadores e coercivos, já que aprisionam os homens em um padrão normativo (MESSERSCHMIDT, CONNELL, 2013).

Sob esse contexto, a representação de Chameleo como uma criatura o enquadra em uma nova masculinidade. Contudo, apesar da compreensão consciente das dinâmicas que ocorrem dentro de si, Chameleo encontra-se confinado ao sistema, incapaz de se libertar. A representação do artista dentro do tubo de água enfatiza sua luta interior e busca por autonomia, destacando as tensões entre as normas sociais de masculinidade e a necessidade de auto expressão.

Outra característica interessante a se ressaltar é sobre a performance de gênero de Chameleo no decorrer do videoclipe. Há momentos em que é possível identificar uma "performance masculina" de acordo com as normas hegemônicas atuando no cenário branco. Mas quando o artista está no cenário escuro, é possível identificar aspectos de uma "performance feminina" ligados à dança e sensualidade. Nesta cena, podemos notar que a iluminação acaba criando uma silhueta em Chameleo, deixando mais evidenciado que o objetivo era retratar o seu interior e subjetividade. Essa capacidade de transitar entre diferentes expressões de gênero não apenas atesta a sua habilidade artística, mas também demonstra a riqueza da complexidade identitária que ele encarna, promovendo uma abordagem mais inclusiva e fluida em relação às identidades de gênero.

FIGURA 1 - DISRUPTURA DE CHAMELEO COM O SISTEMA



FONTE: Frequente(mente) de Chameleo no Youtube, (2021).

Quando há a introdução de Pablo Vittar na narrativa é possível observar o quanto Chameleo fica curioso com a sua presença e como ele se mostra aberto e disposto a ter um contato com o exterior. Assim, quando ambos se tocam são transportados para um cenário que representa uma sala de simulação, onde estão conectados a cabos e televisões, remetendo diretamente a subordinação do sistema. No trecho ainda é possível escutar uma voz robótica dizendo, “Com que frequência você mente?” enfatizando de fato essa perspectiva.

Essa simulação por vez, representa a libertação sobre as normas e discursos hegemônicos que monitoram e controlam os indivíduos, conforme podemos observar nos versos de Pablo Vittar, “Perdida na mente, a vibe que sente; Não sei se é ilusão ou real, então sente; A luz que realça, transcende; E tira a culpa que nasce na gente” que sugere essa reflexão sobre a subjetividade da realidade e das experiências pessoais. Ainda é possível perceber uma certa pressão social ou expectativas colocadas sobre o eu lírico, “Já me falavam que a vida é; Um ninho cheio de bocas abertas; Te esperando como profeta (prá)”, entretanto no próximo verso, Chameleo acaba encontrando o caminho para se libertar, concretizando uma jornada de autodescoberta e emancipação.

Assim, *Frequente(mente)* traz grandes referências a clássicos de ficção científica como *Matrix*, *O quinto elemento* e *A forma da Água*, convidando os espectadores a uma jornada de exploração da identidade e da diferença que aponta para um questionamento do sistema. Nesse contexto, Pablo Vittar seria uma representação externa do “diferente” em que Chameleo se identificou e inspirou. Nas cenas com o cenário da simulação, podemos notar a repetição de movimentos entre ambos artistas, assim como vemos Vittar performando ao lado de Chameleo no cenário que representa o seu interior. Essa dinâmica evidencia a relevância da presença de diversas representações de gênero diante de um indivíduo, abrindo caminho para a incorporação de diferentes manifestações de gênero em contraste com as normas hegemônicas.

A próxima faixa, “*TOKYO*”, não se enquadra na abordagem que propomos, entretanto, a estética presente em seu videoclipe contribui para a continuação da narrativa e a construção da imagem do artista. Trazendo grandes referências de animes como *Neon Genesis Evangelion*, *Ghost in the Shell* e *Akira*, *TOKYO* adota uma estética cyberpunk para representar a visão de uma sociedade dominada por grandes corporações, fazendo referência direta ao sistema e à narrativa de *Frequente(mente)*. Ao integrar a narrativa à faixa, *TOKYO* parece celebrar a liberdade, a paixão e a disposição de enfrentar os desafios em nome do amor próprio. Essa celebração se confirma ao ouvir o icônico sample⁴ de *Tokyo Drift* de Teriyaki Boyz em sua abertura e por meio da performance de Chameleo.

No videoclipe, Chameleo é representado como um ciborgue que despertou do sistema e agora está consciente de sua própria identidade, referenciado por um painel

⁴ Do inglês sample, significa “amostra”. No contexto musical, samples referem-se a trechos sonoros selecionados de uma música que são reutilizados em uma nova gravação, de forma remixada, cortada ou direta.

tecnológico com o símbolo de um camaleão sobre seu rosto. Além disso, as cenas com transições entre ilustrações e a realidade, reforçam essa libertação do artista ao sistema. À medida que as cenas se desenrolam, observamos Chameleo adotando um visual inspirado no réptil, reforçando a aceitação da própria identidade. Ao mesmo tempo, o artista se dirige para pegar uma roupa, uma espécie de armadura, indicando que está apto para a jornada rumo a Tokyo. Nesse sentido, a alusão a "Tokyo", sugere a jornada de Chameleo de levar sua identidade do Interno para o externo, evidenciada na cena em que o artista caminha em direção a um holofote de luz.

FIGURA 2 - EXPLORAÇÃO DA IDENTIDADE DE CHAMELEO



FONTE: TOKYO de Chameleo no Youtube (2021)

Em todo o videoclipe, fica evidente a incorporação de diversos elementos tradicionalmente associados ao feminino para expressar sua identidade, como um top e peças de roupa íntima feminina, unhas de gel, maquiagem e peruca, revelando assim uma manifestação de sua performance feminina. Embora Chameleo se identifique como não-binário⁵, é percebido pela sociedade como homem devido à sua estrutura física masculina. Nesse sentido, o artista incorpora uma performance que diverge das expectativas sociais, alinhando-se a um novo paradigma de masculinidade (RIBEIRO, 2022). Assim, fica clara a natureza construída e socialmente influenciada da identidade

⁵ Refere-se às pessoas que não se percebem como pertencentes a exclusivamente um gênero. Isso significa que sua identidade e expressão de gênero não são limitadas ao masculino e feminino.

acionada pela performance, o que desafia concepções tradicionais e essencialistas. Ao unir elementos muitas vezes considerados dicotômicos Chameleo constrói uma identidade singular que transcende as fronteiras convencionais do gênero e desafia as normas preestabelecidas na sociedade.

A composição "*Outro*" é um interlude que retrata uma revelação sobre a sexualidade de uma pessoa, destacando uma realidade comum entre indivíduos LGBTQIAPN+ ao se depararem com a influência dos discursos hegemônicos. Além disso, em um trecho observa-se o uso da frase "Ele é do outro lado", o que evidencia a presença de um discurso hegemônico que fomenta a heteronormatividade, ao classificar aqueles que não se encaixam como "diferentes". Nesse contexto, em uma sociedade frequentemente intolerante e preconceituosa, surge um receio significativo, principalmente diante das reações provocadas pela exposição da orientação sexual. Ao explorar essa temática musicalmente, Chameleo desafia esse discurso demonstrando coragem e confiança, retratando a situação com um tom sarcástico e satírico por meio de elementos sonoros, como efeitos de voz e um acordeão, o que contribui por vez para a desconstrução desse estigma associado à revelação da sexualidade. Logo em seguida, a faixa *NHAC* com participação de Johnny Hooker se inicia com uma risada e a frase "Vai tomar no cu" surge como sugestão de resposta.

"*NHAC*" não se alinha à proposta deste artigo, contudo, alguns elementos revelam-se pertinentes à discussão. Um deles é em seu videoclipe que podemos notar a presença de diversos personagens com aparências exóticas, representando a diversidade de pessoas e estilos. Essa abordagem descontraída a respeito da diferença, desafia estereótipos associados aos papéis de gênero. Outro ponto relevante é que Chameleo destaca-se ao explorar a interseção entre arte e moda em seus videoclipes e conteúdos midiáticos, utilizando esses meios como formas de expressar a sua identidade e manifestar sua arte. Demonstrando uma constante busca pela quebra de padrões, o artista integra conceitos de moda, combinando elementos da cultura pop a uma estética andrógina, enriquecendo ainda mais sua presença artística.

Como sou apaixonado por moda, os looks para mim sempre dizem muito não só do clipe, mas como de CHAMELEO mesmo e a importância é enorme, porque eu gosto de explorar muito além do binário, do que isso é de menino, isso é de menina. Eu gosto de misturar todos esses elementos e causar uma sensação e até um questionamento (COSTA, 2021)

FIGURA 3 - REPRESENTAÇÕES DA DIVERSIDADE DE IDENTIDADES E ESTILOS



FONTE: NHAC! de Chameleo no Youtube, (2022).

Ao analisar a moda historicamente, é perceptível o seu caráter mutável, sempre passando por transformações, influenciadas diretamente pelos valores culturais, sociais e políticos da época, promovendo o discurso através do vestuário. Dessa maneira, a moda é posta como um caminho para homens interagirem com o mundo e expressarem suas opiniões, permitindo que explorem novos significados e moldem suas identidades sociais, assim como podem gerar identificações entre outros indivíduos (CRANE, 2006). Isso leva a uma alteração dos paradigmas estéticos em relação à concepção de masculinidade previamente estabelecida e validada pela sociedade, contribuindo para a ascensão de novas masculinidades.

"*Quartobranco*" com participação de Konai é a música mais intensa e sentimental de todo o álbum. Na letra Chamaleo explora um estado emocional nulo, estagnação e alienação de si próprio, evidenciando uma luta interna sobre suas emoções e sua identidade. Isso é claramente percebido no trecho "Tive que quase ir pra me encontrar; Mas eu não quero ir, nem quero ficar", refletindo uma resistência do artista em se encontrar e se aceitar. Além disso, no trecho "Eu me políciei pra ser alguém, Que sabe controlar a emoção, E hoje não Sei sentir, não sei mais reagir (oh) E isso me sufoca. Tudo é igual a nada", torna-se evidente o controle emocional exercido pelo artista para

se manter forte e equilibrado, atributos aos quais remetem à conformidade com as normas hegemônicas.

Ao chegar no ápice da canção, podemos notar a vulnerabilidade e incapacidade do artista de sentir e reagir às coisas, indicando uma profunda alienação e desconexão emocional, metaforicamente representados pelo "quarto branco", simbolizando o isolamento/aprisionamento do artista com seus pensamentos e sentimentos. A repetição da frase "Me tira desse quarto branco", reforça a sensação de aprisionamento emocional e/ou psicológico, podendo também ser interpretada como um pedido de ajuda e expressão de seus sentimentos. Esses sinais questionam as expectativas tradicionais de gênero em relação aos homens e suas emoções.

Na faixa "*Ecdise*" que carrega o título do álbum, podemos evidenciar um aprofundamento sobre o seu conceito subjacente e o desfecho de todo o processo de mudança/ metamorfose o qual acompanhamos no decorrer da análise do álbum e que Chameleo traz como uma analogia ao termo "ecdise", que refere-se à troca de pele de répteis. A composição originou-se de um relato íntimo do artista sobre sua experiência vivida durante as sessões de quimioterapia, evidenciada pelo uso de termos como "agulha, picadinha, veias e pinga gotinha", para demonstrar uma aceitação ou mesmo uma indiferença à situação ao longo do tempo, constatando uma adaptação do artista à rotina do tratamento. Assim, fica claro como em sua sonoridade transparecem memórias do artista ao evocar um tom nostálgico e diversos elementos sonoros para criar a atmosfera vivida.

Após intensos conflitos internos, podemos testemunhar que Chameleo se entrega ao processo, compreendendo sua complexidade e reconhecendo sua natureza desafiadora. A menção ao termo "além do externo" indica uma necessidade de reflexão interna, enfatizando uma jornada de autoconhecimento e evolução que o conduziu de volta à sua verdadeira identidade. No trecho "Difícil né? O cru assusta, falta tempero, tá cru; É um processo aprender a gostar de sushi né?", o artista estabelece uma analogia sobre o processo de adaptação, ao se permitir experimentar uma coisa nova como o sushi. Essa comparação revela uma resistência inicial à transformação, ao mesmo tempo em que indica um processo de aprendizado e aceitação gradual, ressaltando o caráter evolutivo dessa experiência.

Dessa forma, Chameleo ressignifica o significado de força, resiliência, medo e autenticidade, integrando essas características ao seu novo eu de maneira inovadora. O reconhecimento como Camaleão, indicado no trecho "Mas eu tô me encontrando nessa

tela; Nessa nova forma, porque eu sou isso, camaleão; Eu troco de pele, eu mudo de cor, eu me adapto”, destaca a sua capacidade de adaptação e transformação que transcende as aparências externas. Ao incorporar a referência à ecdise, sugere-se um ciclo contínuo de renovação e busca por uma compreensão mais profunda de si mesmo. Nesse contexto, a faixa transmite uma aceitação da diversidade, expressão emocional do artista e o seu empoderamento pessoal, todos atributos ligados à redefinição da masculinidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da análise de nosso objeto, diversas imagens e estigmas relacionados à masculinidade hegemônica foram contestadas, desconstruindo a imposição de padrões e regulações sobre os sentidos de masculinidade nos contextos musicais. Tomar as masculinidades como performativas nos permite vislumbrar o reconhecimento de múltiplas possibilidades de “ser homem”, abrindo espaço para que novas expressões de masculinidade surjam.

Nesse contexto, Chameleo emerge como um ícone representativo da evolução das masculinidades contemporâneas, exercendo uma performance que diverge dos padrões estabelecidos e, integrando discursos e narrativas subjetivos para instigar reflexões críticas sobre as interseções entre identidade, gênero e consumo em diversos públicos da sociedade. Essa abordagem presente em Ecdise questiona visões essencialistas e revela um caminho para encorajar outros a abraçar suas próprias singularidades.

Em síntese, fica claro que a música pop representa um ambiente de diálogo e contestação. Nesse espaço, os artistas têm a capacidade tanto de reproduzir quanto de questionar normas preexistentes. Isso destaca como novas representações no cenário da música pop podem desempenhar um papel significativo na construção de uma sociedade mais saudável, inclusiva e diversificada.. Nesse sentido, a aceitabilidade e reconhecimento de Chameleo, evidenciado pelo sucesso comercial de seu álbum, pelas colaborações integradas em seu trabalho e pelo apoio e reconhecimento de artistas já estabelecidos no mainstream, sinalizam uma mudança de perspectiva em que diversas expressões de gênero agora ocupam um espaço significativo no cenário musical brasileiro.

REFERÊNCIAS

BARBIRATO, Paula. **Conheça Chameleo, artista que lançou single com Pablo Vittar.** 13 nov. 2020. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/diversao-e-arte/2020/11/4888471-conheca-chameleo-artista-que-lancou-single-com-pablo-vittar.html>. Acesso em: 22 ago. 2023.

BRANDLAB, Google. **Dossiê: A Nova Masculinidade e os Homens Brasileiros.** 1 jul. 2018. Disponível em: <https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/tendencias-de-consumo/tendencias-de-comportamento/dossie-brandlab-nova-masculinidade-e-os-homens-brasileiros/>. Acesso em: 1 ago. 2023.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade.** Judith Butler; tradução Renato Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO FILHO, Jorge; JANOTTI JR, Jeder. **A música popular massiva, o mainstream e o underground: trajetórias e caminhos da música na cultura midiática.** In: FREIRE FILHO, João; JANOTTI JR, Jeder (Orgs.). Comunicação e música popular massiva. Salvador, Edufba: 2006. p. 11- 23.

COSTA, Bruno. **Conheça o cantor Chameleo e sua estética andrógina: Aqui você descobre um pouco mais sobre o artista e os principais detalhes dos looks compostos para os clipes.** Vogue, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/noticia/2021/08/conheca-o-cantor-chameleo-e-sua-estetica-androgina.html>. Acesso em: 10 fev. 2023.

COSTA, Bruno. **Saiba tudo sobre ‘ECDISE’, primeiro álbum de CHAMELEO.** 21 out. 2021. Disponível em: <https://vogue.globo.com/lifestyle/cultura/Musica/noticia/2021/10/saiba-tudo-sobre-ecdise-primeiro-album-de-chameleo.html>. Acesso em: 10 ago. 2023.

CONNEL, Robert W. **Masculinidades.** Universidad Nacional Autónoma de México, Coordinación de Humanidades, Programa Universitario de Estudios de Género, 2003.

CONNELL, Raewyn; MESSERSCHMIDT, James W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** Revista Estudos Feministas, 2013.

CHAMELEO. **ECDISE,** 2021. Álbum eletrônico. Disponível em: <https://open.spotify.com/album/2aLSg64wVLIUGEyTCqQIK?si=MFk5AhCARGShU6BArfCT3A>. Acesso em: 08 nov. 2023.

CHAMELEO. **CHAMELEO & Pablo Vittar - frequente(mente) (official music video).** Youtube, 13 nov. de 2020. Disponível em: https://youtu.be/j_iegFnf4Ek?si=EhZgW1uRiFUXxL09. Acesso em: 13 nov. 2023.

CHAMELEO. **CHAMELEO - TOKYO (Videoclipe Oficial).** Youtube, 23 nov. de 2021. Disponível em: https://youtu.be/-SREGiwyumc?si=n8DH_iVBDbMyiOnN. Acesso em: 14 nov. 2023.

CHAMELEO. **CHAMELEO, Johnny Hooker - NHAC! (Videoclipe Oficial)**. Youtube, 20 jan. de 2022. Disponível em: https://youtu.be/UNmXvXMpn7c?si=KcHSKUDIB4_QoJxm. Acesso em 15 nov. 2023.

CRANE, Diana. **A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas**. Tradução: Cristiana Coimbra. São Paulo: Senac São Paulo, 2006.

GANDRA, Alana. **Dossiê contabiliza 273 mortes violentas de pessoas LGBTI+ em 2022**. 11 maio 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2023-05/dossie-contabiliza-273-mortes-violentas-de-pessoas-lgbti-em-2022#:~:text=O%20relatório%20de%202022%20identificou,suicídios%20cometidos%20por%20pessoas%20trans>. Acesso em: 13 set. 2023.

GODINHO, Rafael. **CHAMELEO conta como a cura de um câncer impulsionou sua arte: "Transformador"**. 25 nov. 2021. Disponível em: <https://revistaquem.globo.com/Musica/noticia/2021/11/chameleo-Conta-como-cura-de-um-cancer-impulsionou-sua-arte-transformador.html>. Acesso em: 23 ago. 2023.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda. Rio de Janeiro: PUC -Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2002.

MAJUMDAR, Mayukh. **Masculinity Through The BTS Lens**. 17 nov. 2020. Disponível em: <https://rollingstoneindia.com/masculinity-through-the-bts-lens/>. Acesso em: 25 set. 2023.

NÓBREGA, Ana. **Nova masculinidade: movimento quer reinventar papéis de gênero** - eCycle. Disponível em: <https://www.ecycle.com.br/nova-masculinidade/>. Acesso em: 7 set. 2023.

OPAS. **Masculinidade tóxica fará com que 1 em cada 5 homens nas Américas não alcancem os 50 anos**. 19 nov. 2019. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/19-11-2019-masculinidade-toxica-fara-com-que-1-em-cada-5-homens-nas-americas-nao-alcancem>. Acesso em: 28 nov. 2023.

RIBEIRO, Juliana. **Quais são as novas masculinidades**: descubra como identificar cada uma. 18 maio 2022. Disponível em: <https://educacao.umcomo.com.br/artigo/quais-sao-as-novas-masculinidades-30226.html>. Acesso em: 20 nov. 2023.

SAÚDE, Ministério da. **Mortalidade por suicídio e notificações de lesões autoprovocadas no Brasil**. 7 set. 2021. Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/boletins/epidemiologicos/edicoes/2021/boletim_epidemiologico_svs_33_final.pdf. Acesso em: 20 nov. 2023.

TAVARES, MELINA. **Chameleo: artista moderno, completo e a nova aposta do indie pop nacional** – Melina Tavares Comunicação. 17 jul. 2020. Disponível em:

<https://www.melinatavares.com.br/2020/07/17/chameleo-artista-moderno-completo-e-nova-aposta-do-indie-pop-nacional/>. Acesso em: 22 ago. 2023.